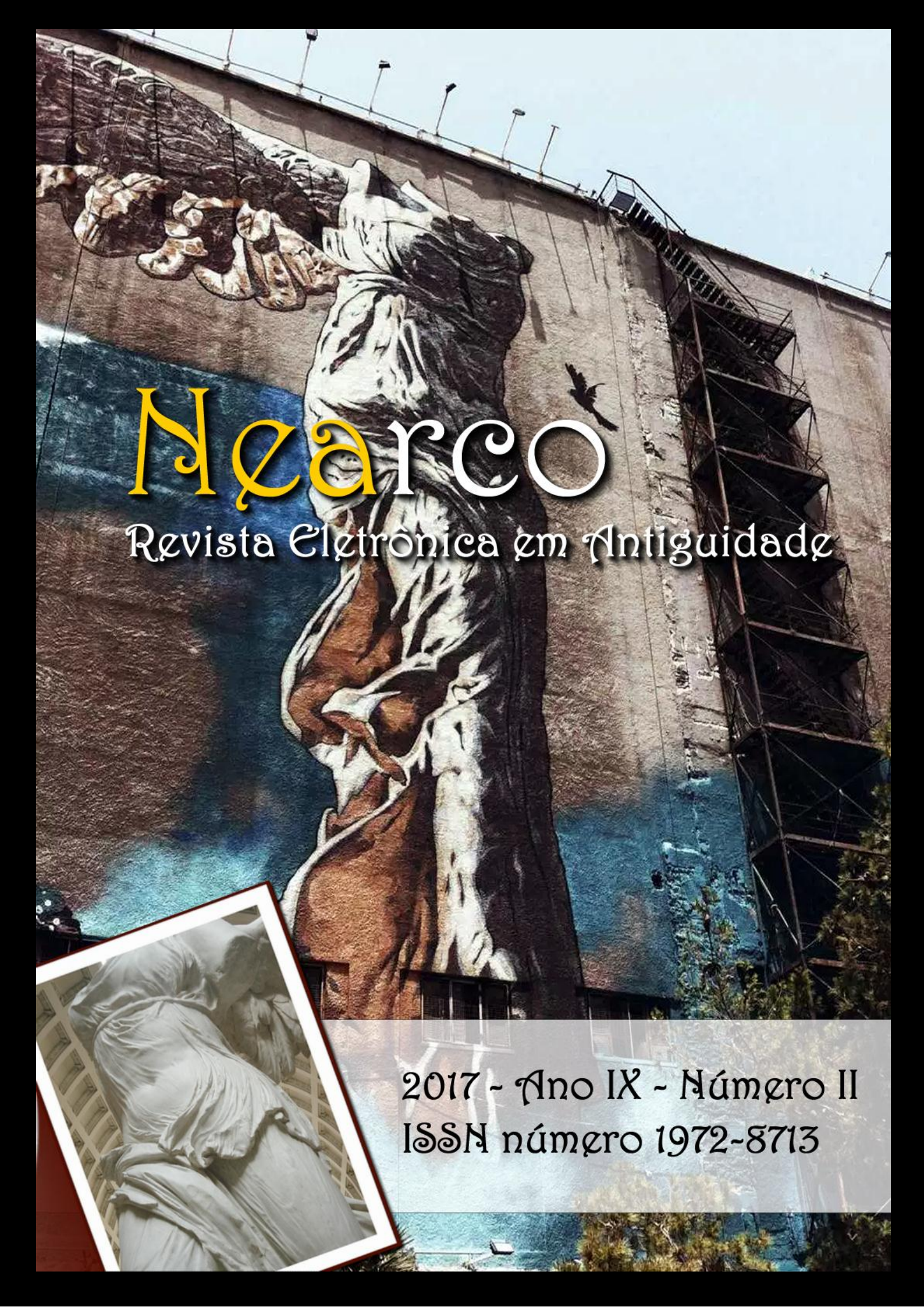




Nºarco

Revista Eletrônica em Antiguidade



2017 - Ano IX - Número II
ISSN número 1972-8713



Capa: Junio Cesar Rodrigues Lima

Imagem: Winged Victory of Samothrace by Urban Act

Editoração Eletrônica: Equipe NEA

www.nea.uerj.br

**CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS / CCS/A**

N354 Nearco: revista eletrônica de antiguidade. - Vol. 1, Ano IX, n.2
(2017) – Rio de Janeiro:UERJ/NEA, 2017 - v.17 : il.

Semestral.

ISSN 1982-8713

1. História antiga - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Núcleo de Estudos da Antiguidade.
CDU 931(05)

HÉCUBA: A HONRA DE ALGUNS CADÁVERES E A DESONRA DE UM ANFITRIÃO VIVO

*Jacquelyne Taís Farias Queiroz*³⁹

RESUMO:

A tragédia grega *Hécuba* escrita por Eurípedes e apresentada por volta de 423 a. C retrata a história da rainha de Tróia Hécuba que após a guerra contra os aqueus foi reduzida a condição de escrava e prêmio de guerra. Ao analisarmos a tragédia euripídiana buscamos observar os ritos fúnebres como via de honra/desonra entre os vivos e os mortos. A conduta de Polixena ao heroicamente se entregar como sacrifício, o fato de Polidoro ser morto e Hécuba vinga-se do amigo impiedoso de maneira violenta e inusitada, podem nos indicar como os cadáveres e os tratamentos dados ou dispensados a eles são importantes para a compreensão de alguns códigos de condutas da sociedade ateniense do Século V a. C.

Palavras-Chaves: Hécuba. Cadáveres. Ultraje. Honra.

Troianos e acaios participaram de uma guerra que durou 10 anos. Com auxílio dos deuses e com a astúcia de Odisseu, os acaios conseguem ultrapassar os muros intransponíveis de Tróia e fazer o que se esperava entre os gregos do século VIII a.C: saquear as riquezas, matar, humilhar os inimigos e tornar escravas parte das mulheres capturadas.

A tragédia grega *Hécuba* escrita por Eurípedes e apresentada por volta de 423 a.C está inserida nesse contexto. A trama retrata Hécuba em meio a essa situação: antes da guerra era esposa de Príamo, rainha respeitada e mãe de cinquenta filhos, com o término da guerra os acaios fizeram dela escrava e prêmio de guerra. Parte de suas filhas também acabaram se tornando servas (a exemplo de Cassandra e Polixena)

³⁹ Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XVIII (Eunápolis/BA). Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: jacquelynequeiroz@gmail.com

e quase todos os seus filhos haviam morrido.

Depois de presenciar seu filho Heitor ser morto de maneira ultrajante, tendo o seu cadáver arrastado pelos carros de Aquiles diante de todos e perceber que os troianos poderiam ser rendidos pelos aqueus, Príamo, rei de Tróia e esposo de Hécuba, tem a iniciativa de enviar para fora dos muros de Tróia um outro filho chamado Polidoro. O próprio Polidoro explica porque ele foi escolhido dentre tantos filhos que o rei troiano possuía: “Eu era o mais novo dos filhos do rei Príamo/ e como não podiam os meus braços jovens/ portar um grande escudo e manejar a lança,/ meu pai me afastou da cidade ocultamente” (Eur., *Hécuba*, v. 23-25).

Diante das palavras de Polidoro, podemos observar que o critério utilizado por Príamo foi o fato desse filho não estar em campo de batalha, o que nos leva a deduzir que todos os outros filhos estavam lutando contra os acaios. Na *Ilíada*, Heitor censura seu irmão Páris por fugir da luta contra Menelau de quem roubou a esposa Helena (*Ilíada*, III, 21-53). O que demonstra que era costume os homens lutarem pela defesa de seu território independente de títulos e hierarquias, o rei ou um príncipe (como Heitor e Páris) combatiam lado a lado com os soldados.

Polidoro é enviado a terra da Trácia governada pelo rei Poliméstor, lá ele seria acolhido e protegido pelo seu costumeiro anfitrião (Eur., *Hécuba*, v.14). Príamo recorre a Poliméstor por manter com ele relações cordiais e laços de amizade. Juntamente com Polidoro, o rei troiano, envia “secretamente tesouros bem guardados e muito abundantes/ - ele queria que, se as muralhas de Tróia/ caíssem algum dia, seus filhos poupados/ não fossem vítimas dos males da indigência” (Eur., *Hécuba*, v. 19 – 22).

O troianos são derrotados, o rei Príamo é morto e Hécuba se encontra agora na condição de escrava dos aqueus e espera os últimos preparativos para partir nos navios acaios. Ela imagina que a continuidade de sua linhagem estava segura porque

Polidoro ainda vivia em segurança. Mas o destino lhe ofereceu um impiedoso anfitrião e alguns cadáveres para realizar os devidos ritos fúnebres.

O ESPÍRITO DE AQUILES EXIGE UM SACRIFÍCIO

Os caios estão ansiosos para retornar aos seus lares depois de enfrentar dez anos de combate, porém o espírito inquieto de Aquiles apareceu por “cima de seu reverenciado túmulo” (Eur., *Hécuba*, v. 61-62) comunicando que nenhuma trirreme deveria deixar o solo de Ílion sem antes lhe ofertar em sacrifício Polixena, filha de Príamo.

Dentre os ritos fúnebres gregos realizados entre os séculos VIII e V a.C está a oferta de sacrifícios. Segundo Burkert (1993, p. 378) as refeições e os sacrifícios funéreos eram realizados no ato da inumação do cadáver, no 3º, 9º e 30º dia após o sepultamento. Depois desse período o falecido receberia novas libações nas festividades populares anuais em que os mortos são homenageados, como na *nekýsia* (“dia dos mortos”) e na *genésia* (“dia dos pais”). Outras situações em que se poderia ofertar oblações extras ao falecido seria nos casos em que alguém mesmo não participando dos ritos fúnebres oficiais, deseja homenagear o falecido através da oferta pessoal de libações⁴⁰ posteriores ou desejasse pedir/agradecer por algo, ou ainda, como no caso de Aquiles, o próprio morto através de aparições ou manifestações em sonhos exigisse novos alimentos e sacrifícios especiais.

O procedimento com o animal a ser sacrificado para as divindades ctônicas e para os mortos é diferente ao compararmos com o sacrifício (*thysia*) realizado para as outras divindades, pois o altar é mais baixo e tem um orifício no meio para que o sangue escorra para a terra ou no lugar do altar é cavado um buraco no chão, esse

⁴⁰ Recorrendo a outras tragédias para exemplificar as libações fúnebres extras, podemos citar Helena que instruiu uma escrava a levar oferendas com uma pequena mecha de seus cabelos ao túmulo de Clitemnestra que já havia sido cremada a seis dias (Eur., *Orestes*, v.92-123). Orestes também não participou dos ritos fúnebres de seu pai, Agamêmnon, e por isso faz uma libação extra oferecendo uma mecha de seus cabelos (Esq., *Coéforas*, v. 4-8).

procedimento indicaria uma espécie de portal para o Mundo Inferior. O pescoço da vítima é cortado, e no caso como tais sacrifícios são para os deuses ctônicos, a vítima é queimada por inteira (VERNANT, 2006, p. 55-57).

Eram oferecidos animais nos sacrifícios, porém Aquiles exige aqui um sacrifício humano, o que era bastante incomum para os ritos funerários do período. Podemos perceber quanto tal procedimento é atípico ao observamos a fala de Hécuba quando questiona: “É a necessidade que os constrange agora/ a consumir aqui um sacrifício humano/ sobre um sepulcro, se é mais conveniente matar um boi? [...]” (Eur., *Hécuba*, v. 333-336).

Encontramos na literarura grega outro caso excepcional em que se sacrificou animais e seres humanos é mencionado na *Ilíada*, quando Aquiles abate bois, ovelhas, quatro cavalos, dois cães e doze troianos sobre a pira fúnebre de Pátroclo (*Ilíada*, XXIII, 166-176). Burkert (1993, p. 376) nos conta que Aquiles fez tal oferta ao cadáver de Pátroclo porque estava motivado pela ira da impotência humana face à morte que acompanha a tristeza do luto.

Na tragédia *Hécuba*, o espírito de Aquiles exige um sacrifício humano. Não é um simples pedido ou uma iniciativa espontânea por parte dos acaios. Ameaçados pela alma de Aquiles, caso o seu desejo não fosse consumado, as trirremes não saem de solo troiano. Apesar de todos os ritos funéreos, incluindo os sacrifícios, terem sido ofertados ao cadáver de Aquiles, o espírito deste não está satisfeito, o que é deixado claro em sua fala: “Para que terra estais indo, gregos/ deixando aqui a minha sepultura/ sem as devidas homenagens fúnebres?” (Eur., *Hécuba*, v. 151-153).

Em outra situação semelhante, a deusa Artêmis exige Ifigênia em sacrifício para que os ventos voltem a soprar e assim empurrar os navios acaios em direção a Tróia (Esq. *Agamêmnon*, v. 104-257). Aqui o espírito de Aquiles também exige o sacrifício de Polixena para permitir que os acaios retornem a sua pátria. Ou seja, a

Guerra de Tróia é iniciada e concluída com um sacrifício humano.

Dentre tantas cativas, por que Aquiles escolhe Polixena? Uma outra escrava não poderia satisfazer o seu espírito? A resposta é não. Polixena é escolhida por ser um prêmio de guerra. Odisseu convence os acaios a realizar o que a alma de Aquiles exige e explica a Hécuba porque Polixena deve ser sacrificada:

[...] após a conquista de Tróia tua filha
seria oferecida ao melhor guerreiro
das forças gregas que viesse procurá-la
para sacrificá-la junto ao bravo Aquiles.
De fato, em sua maioria as cidades
adotam, como se fosse uma chaga, a prática
de dar aos homens valorosos e sinceros
e aos mais covardes uma recompensa idêntica.
Aquiles tem direito á nossas homenagens,
Pois perdeu sua vida como herói da Hélade.
Seria um desadouro para todos nós
se depois de tratá-lo enquanto ainda vivia
como um amigo, agora que ele já morreu
deixássemos de distingui-lo como antes.
(Eur., *Hécuba*, v. 397-410)

Polixena, assim como Efigênia (entregue a Deusa Artêmis em sacrifício), era filha de um rei. Quando se tornou escrava devido as circunstâncias se tornou um prêmio valoroso de guerra e como bonificação este deveria ser entregue aquele que mais se destacou durante a Guerra de Tróia, no caso Aquiles. Como ele morreu durante os combates não teve tempo hábil para receber o seu prêmio, por isso ele exigia que este fosse entregue após a sua morte. A sua distinção entre os acaios continuava a existir mesmo ele já habitando o Hades.

No século VIII a.C o valor individual no campo de batalha era ressaltado. Aquiles não poderia receber a mesma quantidade de prêmios e espólios da guerra de Tróia como os outros guerreiros, porque dessa maneira ele não ficaria em evidência. Ter o seu valor reconhecido para o período é estar em destaque e não estar perdido na

massa dos guerreiros que lutaram, morreram em território troiano e que seus nomes nem ao menos foram mencionado pelo poeta Homero ao longo da *Ilíada*. O que já se difere no comportamento militar do século V a.C, onde o valor está na coletividade⁴¹

Segundo Burkert (1993, p.375) os sacrifícios fúnebres adquiriam algumas significações: o morto é presenteado com oferendas que se tornam sua propriedade, que refletem os hábitos e o status social que tinha quando vivo. Quando observamos os poemas homéricos e as tragédias gregas, percebemos que os ritos em honra aos cadáveres variavam de acordo com as circunstâncias e o status o qual o morto se encontra. Por isso a atitude do espírito de Aquiles, que tem como intenção, mesmo depois de morto reafirmar entre os vivos a sua distinção e superioridade hierárquica.

Depois de relutar Polixena aceita ser sacrificada, porque prefere morrer a ser humilhada como escrava em terras estrangeiras. Em seguida ela é levada diante o sepulcro de Aquiles para ser imolada, os guerreiros assistem e outros tantos se preparam para agarrá-la e sacrificá-la a força se necessário. Mas, Polixena se entrega voluntariamente às mãos de Neoptólemo (filho de Aquiles) que profere as seguintes palavras:

Meu caro pai, nascido de Peleu ilustre!
Recebe as nossas libações, um sortilégio
feito para atrair os mortos! Vem beber
o sangue escuro desta virgem,
oferta minha e deste exército de gregos!

⁴¹ Como o conceito de valor do guerreiro adquire uma nova conotação, muda-se também a tática e o estilo de luta em campo de batalha. No século VIII a.C., o valor era evidenciado através de atitudes individuais, o combate era corpo a corpo onde cada guerreiro detinha uma tática de luta e armamento pessoal o que acabava fazendo com que as armaduras e as armas não fossem iguais para todos, ocasionando a alguns guerreiros se saírem melhor do que outros durante a peleja. Então compreendemos melhor o fato do combatente matar o seu oponente e se preocupar em lhe retirar a sua armadura, pois além de ser uma recompensa pela sua atitude heroica, ainda será utilizado pelo combatente em outras lutas. No século V a.C foi instituído o treinamento militar, as ações em campo de batalha eram combinadas, fazendo o exército grego adquirir força por serem realizadas pelos soldados de maneira coletiva. Inclusive a premiação era realizada de maneira equitativa entre os combates e existia um esforço do Estado em ofertar os ritos fúnebres sem maiores distinções para os seus soldados mortos.

Sê-nos propício! Permite-nos soltar
os cabos que mantêm as nossas naus paradas!
Concede-nos uma viagem sem perigos
desde esta região até a nossa pátria!
(Eur., *Hécuba*, v. 706-714)

Neoptólemo verbaliza o medo sentido por todos os acaios presentes: que o espírito de Aquiles não trouxesse desgraças para a viagem que os guerreiros planejavam fazer. Fustel de Coulanges (2002, p. 16) menciona que os gregos antigos tinham receio das consequências que a ausência dos ritos fúnebres poderiam provocar nos espíritos, pois estes insatisfeitos, trariam malefícios para os vivos, como doenças, infertilidade, agonias e tormentos.

Polixena se entrega com bravura a morte, voluntariamente ajoelha-se, posiciona-se na lápide e diz: “[...] Se queres seccionar a minha garganta,/ meu pescoço está pronto” (Eur., *Hécuba*, v. 745-746). Neoptólemo desfere o golpe fatal e assim a exigência de Aquiles é cumprida. Logo em seguida Agamêmnon manda buscar Hécuba porque somente ela pode dar continuidade aos procedimentos fúnebres relacionados ao cadáver de Polixena.

HÉCUBA E DOIS CADÁVERES

Polixena foi sacrificada. Naquele momento ela não representava uma descendente da linhagem do inimigo dos aqueus. Ela era uma oblação oferecida, por isso foi tratada com respeito, honra e dignidade pelos acaios. Segundo Vernant (2006, p. 55-56) o animal para o sacrifício não pode ser maltratado, as suas amarras são retiradas e ele é conduzido ao altar de maneira pacífica para que seja apagada todo vestígio de violência. Da mesma maneira os aqueus conduziram Polixena.

Após a imolação de Polixena, os próprios aqueus dão início a alguns ritos fúnebres para adiantar o processo:

Quando, atingida pelo golpe fulminante,
ela entregou a alma, cada um dos gregos
cumpriu o seu dever: uns, com ambas as mãos
lançavam folhas sobre a virgem já sem vida;
outros preparavam a pira amontoando
galhos recém-cortados de verdes pinheiros,
e quem nada fazia era censurado
pelo vizinho: “Permaneces inativo,
sem ter nas mãos nada para homenagear a vítima
véus e adornos? Nada tens a oferecer
a este coração de bravura ímpar
a esta alma distinguida pelos deuses?”
(Eur., *Hécuba*, v. 755-766)

Ao analisarmos a situação com os olhos da contemporaneidade, acharíamos muito estranho as mesmas pessoas que mataram se preocuparem com o funeral de sua vítima. Mas, ressaltamos aqui novamente que a morte de Polixena não foi um crime, não é um assassinato se compararmos a outras tragédias, como as circunstâncias em que Cassandra matou Agamêmnon e deu os ritos fúnebres ao seu cadáver (Sof., *Agamêmnon*, v. 1372-1392). Aqui Polixena não era uma inimiga para ter o seu corpo ultrajado; ou seja, ter seu cadáver abandonado de maneira intencional para que fosse devorado pelas aves e pelos cães, sendo finalmente desonrada por não obter sepultura digna.

O que observamos é justamente o contrário, como Polixena é um sacrifício, o seu cadáver desse ser honrado da maneira devida através de um funeral adequado. Por isso, os acaios não esperam a chegada de Hécuba para dar início a alguns ritos fúnebres.

Os guerreiros presentes iniciam os procedimentos jogando folhas no cadáver. Para Kury (1992, p. 219) essa mesma atitude era realizada para os atletas vencedores das competições olímpicas, sendo então este gesto compreendido como uma homenagem à bravura de Polixena. Em seguida, os acaios começam a erguer a pira fúnebre onde o corpo de Polixena será incinerado provavelmente à noite e censuram

os que estão de braços cruzados para que procurem algum adorno para o cadáver ou que tomem alguma atitude em prol da falecida que demonstrasse respeito à sua atitude de coragem e honradez.

Os ritos fúnebres que não precisassem do cadáver para serem efetivados poderiam ser realizados ou adiantados por outras pessoas. Porém, o parente mais próximo do defunto deveria estar a frente dos ritos, e ter contato direto com o cadáver. Por isso Hécuba pediu ao guerreiro aqueu Taltíbio: “Vai ao local onde os gregos estão e dize-lhes/ que ninguém deverá tocar em minha filha [Polixena]” (Eur., *Hécuba*, v. 805-806).

Hécuba também instrui a uma antiga escrava sua a pegar água do mar, nos confirmando que ela pessoalmente deve dar os ritos a esse cadáver, pois Hécuba diz: “ [...] é meu dever/ banhar pela última vez a minha filha,/ esposa sem esposo, deplorável virgem” (Eur., *Hécuba*, v. 815-816). Nesse momento Hécuba se tornou a sua parente mais próxima, pois Polixena não era casada e seu pai e irmãos estavam mortos.

Preocupada em oferecer o mínimo de dignidade ao corpo da filha, Hécuba ainda tem como ideia pedir ajuda as outras cativas, pois para enfeitar o cadáver de Polixena estas poderiam tentar “[...] furtar de seus senhores gregos/ alguns adornos nos alojamentos deles” (Eur., *Hécuba*, v. 823-824). Pois o cadáver deve ser embelezado para que a sua vida seja ressaltada e apresentada à altura de seus méritos realizados em vida.

Depois de cadáver ornado, provavelmente Hécuba iniciaria o processo de lamentação sobre o cadáver. O coro descreve o lamento de muitas mães troianas ao saberem que seus filhos tombaram durante o combate, pois

[...] ouvindo a informação
da morte de seus filhos em combate,
usavam furiosamente as mãos

para arrancar os seus cabelos brancos
e ferir com as unhas suas faces
até correr o sangue pelos sulcos.
(Eur., *Hécuba*, v. 862-867).

Provavelmente o lamento sobre o cadáver de Polixena seria bem parecido: externalização dos sentimentos através do choro alto e autoflagelação para demonstrar quanta falta que o defunto irá fazer entre os seus. Encontramos outro exemplo de lamentação na *Ilíada*, onde o cadáver de Pátroclo foi pranteado de maneira exaltada durante uma noite inteira pelos guerreiros acaios e seus escravos (*Ilíada*, XVIII, 314-320).

Porém um acontecimento inesperado interrompeu os procedimentos fúnebres que seriam realizados em Polixena. Ao invés de água, a escrava traz outro cadáver envolto em um tecido para Hécuba. Ao examinar o corpo a sua frente Hécuba grita: “Ai! Infeliz de mim! Agora vejo morto/ meu filho Polidoro, que eu imaginava/ estar em casa de um anfitrião na Trácia!” (Eur., *Hécuba*, v. 896-898).

Hécuba que antes tinha todas as preocupações direcionadas para os ritos fúnebres de Polixena, agora doa toda a sua atenção para compreender porque o corpo de outro filho seu foi encontrado nu a beira do mar e com sua carne mutilada a gladio. As características apresentadas no cadáver confirmavam as suas suspeitas: seu filho Polidoro foi assassinado, provavelmente teve todo o seu ouro roubado e ainda o seu corpo foi ultrajado.

O ultraje ocorria quando alguém queria demonstrar para os demais o quanto era superior em relação ao seu inimigo através de tal humilhação ao não conceder-lhe os devidos ritos fúnebres. O funeral em si oferta ao homem status de ser humano e importância perante a sociedade. Ao não se realizar os funerais, aquele indivíduo fica rebaixado a categoria de animal, pois assim como estes também servirá de repasto para outros animais.

O fato é que diferente de Polixena que foi sacrificada e os aqueus estão preocupados a lhe prestar as derradeiras honras funéreas, Polidoro foi assassinado teve o seu corpo lançado ao mar para servir de alimento para os peixes. Aqui podemos perceber que Poliméstor ao ultrajar ao cadáver agravou em muito o crime cometido.

No mundo grego o ato de não oferecer os devidos funerais a um cadáver é totalmente condenável. Isso independe se aquela pessoa foi ou não responsável pela morte do cadáver que encontrou. Compreendemos melhor essa situação quando tomamos como exemplo a tragédia *Antígone*, pois o crime de Creonte foi justamente permitir que o cadáver de Etéocles pudesse receber sepultura enquanto que o corpo de Polínicês ficasse exposto e servisse de alimento para os animais, sendo que ambos faleceram dos golpes que receberam mutuamente (Sóf., *Antígone*, v. 21-38).

Então, quantos erros (*áte*)⁴² Poliméstor cometeu?

Três. O primeiro foi assassinar uma pessoa que estava em sua casa na condição de hóspede. Malta (2000, p. 120) nos conta que no mundo homérico a hospitalidade (*ξενία*) consistia na troca entre os contratantes, no caso o hospede (*ξενος*) e o hospedeiro (*ξενοδοκος*). Exigia-se que o hospedeiro fosse amigo (*φίλος*) com o estrangeiro⁴³. Hécuba inclusive faz esse questionamento: “Inominável, indizível crime,/ [...] intolerável, ímpio! Não existe/ uma justiça protetora de hóspedes? (Eur., *Hécuba*, v. 928-931). Os poemas homéricos respondem o questionamento de Hécuba, pois “É o hospitaleiro Zeus quem olha pelos hóspedes/ e pelos súplices, e segue os passos dos hóspedes” (*Odisseia*, IX, 270-271).

⁴² Erro, perdição (*áte*), segundo Malta (2006, p. 1): “a *áte* [...] designa não apenas o erro ou um desvio heroico, em diferentes âmbitos, mas também o estado de cegueira em que é cometido e, principalmente, a ruína que provoca, de caráter francamente expiatório ou punitivo”.

⁴³ O crime (erro/*áte*) cometido por Páris na *Ilíada*, foi justamente esse, ser recebido em seu lar por Menelau e não respeitar as regras da hospedagem, ao invés de deixar numerosos presentes para o seu anfitrião, ele foge levando consigo a sua esposa Helena e parte dos tesouros de Menelau (*Ilíada*, III, 21-53).

O segundo foi roubar as riquezas de seu hóspede, sendo que Poliméstor era rei da Trácia e provavelmente possuía riquezas em abundância. Pela lei da hospedagem as partes sempre trocavam-se presentes como sinal de amizade e cordialidade (MOSSE, 1984, P. 70-71). Na *Odisseia* temos como exemplo Odisseu que leva um odre de vinho para Polifermo, acreditando que seu futuro hóspede conhecesse as leis da Grécia, este por sua vez devora parte de seus companheiros, por não conhecer esse costume e se comportar dessa maneira Odisseu chama Polifermo de selvagem (*Odisseia*, IX, 170-299). Então podemos dizer que Poliméstor se comportou da mesma maneira selvagem porque ao invés de trocar presentes, o anfitrião toma a força a riqueza do hóspede e este em troca ganha a morte e o ultraje.

O terceiro foi ultrajar o cadáver de sua vítima cortando a sua carne e jogando-o ao mar. Hécuba afirma que Poliméstor foi “o mais impiedoso dos anfitriões,/ que sem temor algum dos deuses infernais/ e das alturas, cometeu um sacrilégio” (Eur., *Hécuba*, v. 1024-1026). O ultraje ao cadáver era condenável entre os homens e os deuses. Podemos evocar a *Ilíada* para ilustrar tal raciocínio, pois movidos pelo mesmo sentimento de horror os deuses obrigam Aquiles a devolver o corpo de Heitor à sua família, porque o seu cadáver sofria mutilações há vários dias (*Ilíada*, XXIV, 100-139).

Hécuba horrorizada ainda procura compreender porque Poliméstor ultrajou o cadáver de Polidoro e faz a seguinte indagação: “Inda que seu desejo fosse exterminá-lo/ por que lhe recusou um túmulo condigno/ e preferiu jogá-lo no mar perversamente?” (Eur., *Hécuba*, v. 1033-1035).

Agora a anciã possui dois cadáveres para dar os devidos ritos fúnebres. Os procedimentos em relação ao corpo de Polixena já estavam em parte encaminhados e os próprios acaios estavam engajados em dar sepultura a ela. Inclusive Agamêmnon fica impaciente por esperar Hécuba no local do sacrifício:

Que esperas para sepultar a tua filha?
Taltíbio anunciou-me que nenhum arguivo

devia pôr as mãos em Polixena morta.
Deixamo-la e ninguém tocou em seu cadáver,
mas tardas muito e isto deixa-me surpreso.
Venho apressar pessoalmente a tua ida,
pois lá onde estava tudo foi bem feito
se se pode falar em “bem” nesses momentos.
(Eur., *Hécuba*, v. 941-948).

Agamêmnon ainda não sabe que Hécuba tem em suas mãos não um, mas dois cadáveres. Hécuba teme que Agamêmnon possa impedir o sepultamento desse segundo defunto. Diante do resultado da guerra, Polidoro enquanto desce de Príamo era inimigo dos acaios. Ultrajando o cadáver de Polidoro através da não permissão de seu funeral seria a oportunidade ideal para Agamêmnon reforçar entre os acaios a sua soberania e entre as escravas troianas a sua força. Hécuba tinha consciência disso, por isso lhe dirige as seguintes palavras:

A teu lado, Agamêmnon, deita-se Cassandra
uma de minhas filhas, profetisa autêntica
[...]
Como demonstrarás se a companhia dela
te dá algum prazer? Dos braços de amor
em seu leito de amante, que contentamento
terá Cassandra? [...]
Escuta então: estás vendo o meu filho [Polidoro] morto?
Dá ordens para que não falem ao cadáver
as atenções devidas, pois este favor
estará sendo concedida a um cunhado.
(Eur., *Hécuba*, v. 1080-1091).

Era dever de Hécuba purificar e dar os demais ritos fúnebres a Polidoro, mas como percebemos ela poderia ser impedida de realizar tais procedimentos. Então, ela utiliza a seguinte linha de raciocínio: Agamêmnon é rei e inimigo de Príamo e de todos que descendem dele, porém Cassandra é também filha de Príamo e depois que os muros

de Tróia caíram ela passa a ser escrava e pertencer a Agamêmnon. Nesse momento Hécuba faz uma tentativa de persuadi-lo ao demonstrar que Agamêmnon é uma espécie de cunhado e por ter esse novo laço de parentesco seria um erro (*áte*) ainda maior não dar sepultura a um parente. De certa forma esse ideia influencia na decisão do rei acaio.

Hécuba também percebe que mesmo na condição de escrava poderia ter a oportunidade de vingar-se de Poliméstor. Então, respeitando a sua nova condição de serva, Hécuba pede permissão a Agamêmnon para se vingar.

AMIGOS E INIMIGOS

Após a fim da guerra de Tróia, Hécuba deixa de ser rainha e passa a ser escrava de seu principal inimigo, mas devido as circunstâncias e dois cadáveres para sepultar, Hécuba vê seu inimigo Agamêmnon como alguém que possa ajuda-la, de certa forma, a se vingar de Poliméstor.

Temendo não convênce-lo da gravidade dos erros cometidos por Poliméstor, e percebendo que sem o apoio de Agamêmnon os seus planos não tereiam como se concretizar Hécuba então em voz alta diz: “Suplico-te, Agamêmnon, pelos teus joelhos,/ pelo eu queixo e pela tua mão direita” (Eur., *Hécuba*, v. 975-976).

A súplica na Grécia Antiga não se limitava somente a uma comunicação verbal, ela envolvia elementos físicos: o abaixar-se (sentado ou ajoelhado), o tocar dos joelhos e/ou o queixo e o beijar os joelhos e/ou as mãos (GOULD apud MALTA, 2006, p. 52). A súplica torna flexível até os deuses e ao homem não cabe recusar, pois:

Duas possibilidades se abrem para o suplicado se ele respeitar a súplica, o favor divino vai acompanhá-lo; se, no entanto, ele rechaçar, as súplicas vão solicitar a reparação desse erro a Zeus, que fará com que a *áte* acompanhe esse homem, a fim de que ele pague pela injúria (MALTA, 2006, p. 59).

Hécuba suplica duas vezes durante a tragédia que estamos analisando. A primeira foi com Odisseu, quando este vai dar a notícia que os acaios decidiram entregar Polixena como sacrifício ao espírito exigente de Aquiles:

Hoje quem toca em tuas mãos e em teu rosto
sou eu; reclamo o preço de minha bondade
naquela época. Suplico-te, Odisseu!
Não leves Polixena de meus braços débeis!
Não lhe tires a vida (já há muito mortos!).
(Eur., *Hécuba*, v. 354-358)

Para tentar convencer Odisseu, Hécuba utiliza dois artifícios: lembra-lhe que quando era rainha de Tróia ele foi capturado, suplicou pela sua vida e por isso não foi executado. Como não obteve êxito com o primeiro raciocínio, ela partiu para a súplica com a expectativa de abrandar seu coração. Todas as suas tentativas não tiveram êxito, porque a decisão partiu de Polixena que se deixou levar por Odisseu para ser imolada.

Por outro lado a decisão de Polixena favoreceu Odisseu porque não teve que negar uma súplica. Negar uma súplica era considerado uma atitude grave, que poderia desencadear acontecimentos terríveis em seu destino.

Agora pela segunda vez Hécuba realiza uma súplica, mas desta vez direcionada a Agamêmnon. Durante a guerra de Tróia ele negou uma súplica realizada por Crises e mais a frente pagou as consequências, tendo o seu acampamento assolado pela peste enviada através das setas de Apolo (*Ilíada*, I, 10-56). Será que desta vez ele negaria novamente a uma súplica? Pelo menos na tragédia *Hécuba*, não. Agamêmnon decide atender ao pedido da velha escrava:

Tenho pena de ti e de teus filhos, Hécuba,
de tuas desventuras, das tuas mãos suplicantes.
Desejo, tanto no interesse dos bons deuses
como no da justiça humana, castigar
o impiedoso anfitrião, se vislumbrar
um meio eficiente de satisfazer-te

sem dar ao meu exército a falsa impressão
de estar tramando aqui a morte de um rei trácio,
incentivado por meu amor a Cassandra
(Eur., *Hécuba*, v. 1112-1120).

Então podemos dizer que durante esse processo eles deixaram de ser inimigos e se tornaram aliados em prol de uma causa comum: se vingar do anfitrião impiedoso. Porém, Agamêmnon também deixa claro aqui algumas questões. Ele almeja atender a súplica de Hécuba, mas ressalta que a ajudará porque a conduta de Poliméstor feriu a lei divina da hospedagem, de certa forma a vingança de Hécuba seria uma via de punição divina e justiça humana em relação ao ultraje de cadáveres⁴⁴. Ou seja, ele vai agir porque vai ajudar a promover a justiça.

Outra questão levantada por Agamêmnon levanta é a sua preocupação em relação ao julgamento que por ventura o exército vai realizar em relação a sua atitude em auxiliar Hécuba a matar um rei trácio aparentemente motivado pelo amor por sua cativa e concubina Cassandra. Logo abaixo vamos encontrar outro raciocínio utilizado por Agamêmnon que geravam outras preocupações:

Mas me perturba um pensamento: meus soldados
vêm no trácio um amigo, e no defunto
um filho do rei Príamo e nosso inimigo.
Se me comove o infortúnio de teu filho
revelo um sentimento meu, indiferente
a meus soldados. Deves admitir, então
que posso estar disposto a te prestar ajuda,
prestes a te socorrer-te porém hesitante,
pois não quero incorrer na censura dos gregos.
(Eur., *Hécuba*, v. 1121-1129)

Hécuba e Agamêmnon temporariamente não são mais inimigos. Poliméstor que antes era amigo de Hécuba, agora se tornou alvo de sua vingança por ter se

⁴⁴ Provavelmente no século VI a.C existiu na Grécia a Lei sobre a *hýbris*, onde as pessoas recorriam a justiça quando eram vítimas de desonra e vergonha (ARNAUTOGLOU, 2003, p. 77-78).

mostrado como o pior dos adversários ao roubar seu filho e lançar seu cadáver ao mar. Porém para o acaios Poliméstor era um aliado. Como os aqueus compreenderiam a atitude de Agamêmnon em matar um amigo (Poliméstor) em defesa do cadáver de um inimigo (Polidoro)? Fatalmente ele seria julgado pelos seus companheiros, perderia apoio, sua imagem de soberano seria manchada e até possivelmente questionariam a sua posição de líder e poder.

O erro (*áte*) de Poliméstor começou ao se mostrar amigo e aliado para quem queria roubar e matar. Hécuba também utilizará da amizade para atrair e dessa maneira se vingar do anfitrião impiedoso no qual ele se revelou.

O CASTIGO DO ANFITRIÃO IMPIEDOSO

A tragédia *Hécuba* nos traz a descrição do que seria um anfitrião:

Depois de sentar-se conosco a nossa mesa
vezes sem conta e de ter sido nosso hóspede
com frequência maior de qualquer outro amigo,
depois de receber a retribuição
de seus favores, embora fosse incumbido
de proteger o nosso filho ele o matou
(Eur., *Hécuba*, v. 1027-1032).

São considerados amigo duas partes estão unidas por deveres recíprocos. Ambos estão comprometidos com a reciprocidades de valores. Por isso a hospitalidade no mundo antigo exige amizade e cordialidade de ambas as partes (MALTA, 2000, p. 120). E Príamo acreditava realmente que existia essa relação de amizade e reciprocidade entre ele e Poliméstor. Não é a toa que ao perceber que os muros de Tróia estavam na eminência de cair, enviou a Trácia para ser protegido e acolhido pelo seu amigo Poliméstor.

Porém, esse anfitrião se tornou impiedoso quando desrespeitou o seu hóspede, roubou o seu tesouro, matou e ainda ultrajou o seu cadáver. Malta (2000, p.

83-84) nos explica em linhas gerais que o ato da impiedade está relacionado ao fato de alguém se mostrar selvagem “como leão”, de se entregar à violência e a soberba. Tais características podemos observar no comportamento do anfitrião Poliméstor durante toda a trama.

A atitude impiedosa tem que ser punida de uma maneira ou de outra. Nesse caso, a má conduta do hospedeiro será castigada através da vingança realizada por Hécuba. Ela já possui um plano e comunica a Agamêmnon como vai proceder primeiramente:

Levando em consideração os teus receios
e as concessões à multidão onipotente,
incumbo-me de livrar desses temores.
A tua omissão será suficiente
quando eu tramar executar minha vingança
contra o hipócrita assassino; não pleiteio
tua cumplicidade. Mas, se teus soldados
manifestarem solidariedade ao trácio,
ou se tentarem socorrê-lo no momento
de ele sofrer a merecida punição,
esforça-te para dominá-los sem mostrar
que atuas para me apoiar em meu intento.
Fica tranquilo quanto ao resto, meu senhor;
Eu mesma cuidarei para a execução do plano
(Eur., *Hécuba*, v. 1135-1148).

Nessa citação podemos perceber que Hécuba dá uma solução para o que tanto atormentava Agamêmnon, a preocupação de sua imagem diante dos outros guerreiros acaios, pois de certa forma ajudaria ou no mínimo iria consentir que uma inimiga dos aqueus desse cabo da vida de um amigo considerado por ele. No caso, a sugestão de Hécuba é que Agamêmnon não ajude diretamente em sua vingança, mas que afasta os acaios no caso deles perceberem o intento de Hécuba e queiram ajudar a salvar Poliméstor; porém, esse impedimento desse ver realizado de uma maneira que os aqueus não percebam que Agamêmnon concorda com as ideias de Hécuba.

Logo Hécuba dá início ao seu plano de vingança e orienta uma antiga serva da seguinte maneira:

Vai procurar o anfitrião cruel e dize-lhe:
“A velha Hécuba, ex-rainha de Ílion,
mandou-me vir até aqui ara chamar-te
a fim de tratar de um assunto dela e teu.
Leva também teus filhos para esse encontro;
eles devem ouvir o que ela vai dizer”
(Eur., *Hécuba*, v. 1167-1172).

A citação utiliza o termo “a velha Hécuba”. O que Poliméstór temeria de uma escrava anciã? Acreditamos que Poliméstór não imaginou que seu crime fosse descoberto, pois acreditam que propavelmente o corpo de Poliméstór só deveria existir somente no ventre dos animais marinhos. Mesmo que ela descobrisse, o que uma velha poderia fazer contra um homem que a ultrapassa em força? Ela utilizou da sua aparente fragilidade e da amizade para tentar atraí-lo inicialmente.

Poliméstór chega ao acampamento acaio com seus dois filhos, devidamente escoltado. Hécuba percebe que tal escolta pode atrapalhar seus planos e insiste que o que tem a lhe dizer deve ser dito reservadamente. Poliméstór dispensa a escolta e diz:

És minha amiga e tenho a proteção
das tropas gregas. Deves explicar-se agora:
que tipo de socorro um braço afortunado
pode prestar a uma amiga infortunada?
Aqui me tens, pronto e disposto a te ajudar.
(Eur., *Hécuba*, v. 1291-1296).

Poliméstór se sentia seguro por estar entre amigos e por isso não acreditava que nada fosse lhe acontecer. Inquieto pergunta o que ele como amigo poderá ajudar a sua amiga, ele se comporta como se não tivesse cometido crime algum e como se ambos tivessem laços de amizade ainda bem firmados e definidos. Porém, Hécuba age como ele, tratando o adversário como se fosse aliado.

A anciã pergunta a Poliméstór se seu filho Polidoro está vivo e se as riquezas que Príamo enviou estão intactas. Poliméstór por sua vez responde que sim, dizendo-lhe que seu filho está bem e que seu tesouro está seguro em seu palácio. Em seguida Hécuba externaliza o desejo de mostrar em sua tenda onde esconde uma grande fortuna.

Assim Poliméstór é atraído para a tenda das escravas. A sua preocupação é saber se tem algum homem nesse local (Eur., *Hécuba*, v. 1328), pelo diálogo podemos perceber Poliméstór não levou em consideração que mulheres pudessem ser capazes de fazer algum mal a ele e a seus filhos.

Então, junto com as outras escravas troianas, Hécuba fura os olhos de Poliméstór e mata os seus dois filhos. Com a atitude das servas ele se tornou

um cego vacilante andando a passos cegos,
desnortado; teus olhos também verão
os corpos dos dois filhos dele; exterminei-os
com o precioso auxílio das bravas troianas.
Apenas fiz justiça e agora me afasto
para livrar-me da torrente de furor
que impele Poliméstór, inimigo rude
(Eur., *Hécuba*, v. 1366-1373).

A cegueira para o homem grego era pior castigo que a morte. O homem cego se torna dependente (como os escravos e as crianças) e inútil para a sociedade. Mesmo na condição que se encontra, ele afirma que deseja encontrar as troianas assassinas culpadas pela sua desgraça. Em pouco tempo a preocupação de Poliméstór se tornou outra:

Com que destino, por qual rota seguirei,
abandonando os corpos de meus pobres filhos
a estas infernais bacantes que sem dúvida
irão decapitá-los e despedaçá-los
para sem lançados cruelmente aos cães

como pasto sangrento nas trilhas dos montes?
(Eur., *Hécuba*, v. 1395-1399).

Ele agora teme que seus filhos tenham os seus cadáveres ultrajados. Da mesma maneira Penteu foi desonrado pelas bacas, pois este teve primeiramente a cabeça arrancada e o restante de seu corpo foi esquartejado pelas mãos das bacantes de tal maneira que seus despojos ficaram pendurado nas árvores da montanha onde antes ele se encontrava (Eur., *Bacas*, v. 1111-1143).

A raiva ou a indignação que Hécuba sentiu em ter o corpo de um filho ultrajado se torna a principal sentimento de Poliméstor agora. Pois a sua cegueira o impedia de encontrar os corpos de seu filhos e tentar protege-los, pois em meio a situação ainda afirma que é seu dever “zelar pelos cadáveres de meus dois filhos!” (Eur., *Hécuba*, v.1404).

Em desespero ele clama por ajuda e Agamêmnon aparece, perguntando o que está havendo. Poliméstor conta a sua versão do acontecido e afirma que matou Polidoro porque temia que esse depois pudesse recuperar Tróia. Talvez aqui podemos perceber uma tentativa de Poliméstor em convencer Agamêmnon a ajuda-lo a matar Hécuba. Porém, ela faz uma pergunta que derruba toda a lógica que Poliméstor sustentava: Se queria agradar Agamêmnon por que não matou Polidoro enquanto os muros de Tróia estavam erguidos ou o entregou vivo aos aqueus? (Eur., *Hécuba*, v. 1566-1574).

Ela mesma responde a sua indagação, afirmando que ao perceber que Tróia estava em chamas matou o hóspede e lhe roubou o ouro. Se fosse realmente amigo dos gregos teria lhes entregue Polidoro, vivo ou morto, juntamente com as suas riquezas. Agamêmnon concorda com Hécuba e julga Poliméstor errado por tais atitudes.

Poliméstor indignado com seu desterro faz inúmeros presságios aos destinos terríveis reservados à Agamêmnon e Hécuba. Então, Agamêmnon pede que os escravos levem o anfitrião impiedoso para algum lugar deserto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hécuba interrompe os funerais de Polixena para dar cabo a sua vingança (Eur., *Hécuba*, v. 1173-1177). Ou seja, interrompe o rito de um cadáver para se vingar de alguém que não deu esses mesmos ritos a outro cadáver, também seu filho.

A lei da hospedagem é ferida por Poliméstor e a traição para Hécuba veio de um amigo. É esse o jogo que percebemos durante toda a trama: Poliméstor se faz de aliado para os troianos e mata Polidoro objetivando suas riquezas. Hécuba se mostra afável e o atrai para tenda onde se vinga e mata seus dois filhos. Agamêmnon também se mostra amigo de Polidoro, mas oferta a sua omissão em relação às intenções de Hécuba que era sua escrava e inimiga de guerra.

O anfitrião impiedoso é finalmente castigado. Hécuba realiza a sua vingança de maneira que Poliméstor sinta o terror da ameaça de ultraje ao cadáver de seus filhos lhe tomando conta da alma, assim como a indignação tomou conta de Hécuba ao perceber que o cadáver de seu filho estava nu, a beira do mar e com as carnes cortadas a ferro.

Vingança consumada só restou a Agamêmnon pedir a Hécuba: “vai [...] enterrar os dois cadáveres!” (Eur., *Hécuba*, v. 1671). Essa fala nos parece ambígua, pois Hécuba deve sepultar os dois cadáveres de seus filhos Polixena e Polidoro? Ou os dois cadáveres dos filhos de Poliméstor?

O enredo da tragédia gira em torno do ultraje ao cadáver e a ofensa que tal atitude produz para os vivos. Seria incoerente Hécuba pedir justiça por um filho ultrajado, ultrajando outros dois cadáveres. Se ela procedesse de tal maneira estaria se tornando tão impiedosa quando Poliméstor.

Levando em consideração a hipótese que Hécuba teve a iniciativa e preocupação em enterrar também os filhos de Poliméstor, percebemos que a trama se iniciou com os preparativos dos ritos fúnebres de um cadáver e findou com um anfitrião impiedoso cego e quatro cadáveres para serem sepultados.

REFERÊNCIAS

FONTES

ESQUILO. **Agamêmnon**. Edição bilíngue. Tradução e estudo de JaaTorrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2004.

_____. **Coéforas**. Edição bilíngue. Tradução e estudo de Jaa Torrano. São Paulo Iluminuras FAPESP, 2004.

EURÍPEDES. **Bacas**. Edição bilíngue. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. Hécuba. In: EURÍPEDES; ÉSQUILO; SÓFOCLES. **Electra, Hécuba, Os Persas**. (Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 153-221.

_____. **Orestes**. Edição bilíngue. Tradução de Augusta Fernanda de Oliveira e Silva. Coimbra: Instituto de Investigação Científica, 1982.

HOMERO. **Ilíada**. Edição bilíngue. Tradução de Haroldo Campos. v.I. São Paulo: Arx, 2003.

_____. **Ilíada**. Edição Bilíngue. Tradução de Haroldo Campos. v.II. São Paulo: Arx, 2002.

_____. **Odisseia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2012.

SÓFOCLES. Antígone. In: ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. **Três Tragédias Gregas**: Antígone, Prometeu Acorrentado e Ájax. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 49-130.

ESTUDOS MODERNOS

ARNAOUTOGLU, Ilias. **Leis da Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2003.

BURKERT, Walter. **Religião grega na época Clássica e Arcaica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KURY, Mário da Gama. Notas á Hécuba. In: EURÍPEDES; ÉSQUILO; SÓFOCLES. **Electra, Hécuba, Os Persas**. (Tradução do grego, introdução e notas de Mário da gama Kury). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 218-221.

MALTA, André. **A Selvagem Perdição: Erro e ruína na Ilíada**. São Paulo: Odysseus, 2006.

_____, **O Resgate do Cadáver: O Último Canto d'A Ilíada**. São Paulo: HUMANITAS FFLCH/USP, 2000.

MOSSE, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo**. Lisboa: Edições 70, 1984.

VERNANT, Jean- Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.